

— RUBEM BRAGA —

# O jornal do sr. Metzler

O ministro da Justiça baixou uma portaria sobre os jornaes editados, no Brasil, em lingua estrangeira. A portaria exige que, nesses jornaes, o texto estrangeiro seja acompanhado da traducção.

A medida é excellente, e nenhum brasileiro pôde deixar de pensar assim. E' excellente principalmente pela sua intenção, pelo seu sentido. Na pratica surgem, entretanto, algumas restricções, que vale a pena examinar.

Quem levantou a principal restricção foi o sr. Franz Metzler, na entrevista que deu hontem ao "Correio do Povo". Esse nosso patricio dirige o diario mais antigo que se edita em Porto Alegre: o "Deutsches Volksblatt". Esse jornal é escripto em allemão. Mas — pondéra o sr. Metzler — é um jornal brasileiro. Começa por ser catholico e acaba, muito coherentemente, por ser anti-nazista. O que o sr. Franz Metzler escreve não pôde ser lido no Reich, porque a policia não deixa. E, não deixa porque o sr. Franz Metzler não concorda com a theoria parda official de que os allemães e os seus descendentes que vivem em outros paizes pertencem ao povo allemão. No seu jornal o sr. Metzler costuma dizer que um sujeito, filho de allemão, que nasce no Brasil é brasileiro. E costuma ensinar essa gente a pensar e a sentir como os brasileiros sentem e pensam. Sem acreditar nessa historia de raças privilegiadas e raças amaldiçoadas. Sem obedecer ás ordens e suggestões de outro governo que não seja o governo de nossa terra.

Está visto que, com uma orientação destas, o jornal do sr. Metzler não pôde ter nenhum auxilio directo ou indirecto de paiz estrangeiro. E não deve ter nem mesmo a publicidade de algumas grandes firmas estrangeiras que distribuem suas verbas de accordo com o "bom comportamento" dos jornaes.

Sem conhecer a imprensa editada em lingua estrangeira no Rio Grande, eu quero crêr que nenhum de seus órgãos tem apoio financeiro de governos estranhos. Ha, entretanto, no Brasil — e isto eu tranquillamente posso affirmar — publicações, umas escriptas em lingua portugueza, outras em outras linguas, que só se mantêm graças ao bafejo de potencias estranhas. Está visto que essas publicações terão muito maior probabilidade de sobreviver á portaria que um jornal independente como o do sr. Metzler e outros. Desta maneira a providencia nacionalista virá, na pratica, a ser contraproducente.

Quando os jesuitas quizeram converter os indios, elles não os obrigaram a entender o que se lhes õzia em portuguez. Não. Elles se dirigiam aos indios na lingua dos indios, chamando a cruz de curuçá e assim por diante. E tratavam de conquistar com o ensino da lingua principalmente as creanças, os curumins. Foi assim que elles trabalharam — e trabalharam direito.

E' isto mais ou menos o que o sr. Metzler faz : elle ensina brasileiroismo em allemão. O governo pôde e deve lançar mãos de outros meios para fazer com que os descendentes de allemães aprendam a falar e ler portuguez. Mas isso foi descuidado por muitos governos antes do actual. E' preciso reconhecer esta falta para agir com effiçencia real — com energia e calma.

Que outras virtudes sejam negadas ao chefe do governo — ninguem, ai!, é perfeito neste mundo — nunca lhe será negada a coragem moral de emendar o que fez quando repara que não deu certo. Vamos, esperar, portanto, que o assumpto seja melhor examinado para que se não sacrifique, em nome do nacionalismo, um instrumento tão poderoso de nacionalização como o "Deutsches Volksblatt".